



O Que Há de Geológico nos Atrativos Turísticos Convencionais no Brasil The Geological Content of Conventional Tourist Attractions in Brazil

Virginio Mantesso-Neto¹; Kátia Leite Mansur²; Úrsula Ruchkys³ &
Marcos Antonio Leite do Nascimento⁴

¹Conselho de Monumentos Geológicos / SP; Al. Santos 1222 ap. 215; 01418-100; São Paulo - SP

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, IGEO, Departamento de Geologia;

Av. Athos da Silveira Ramos, 274 - Bloco G, Cidade Universitária, Ilha do Fundão; 21.941-916; Rio de Janeiro – RJ

³Universidade Federal de Minas Gerais, Depto. de Cartografia, IGC;

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha; 31.270-901; Belo Horizonte - MG

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Depto. de Geologia,

Campus Universitário S/N, Lagoa Nova, Caixa Postal 1678; 59.078-970; Natal - RN

E-mails: virginio@uol.com.br; katia@geologia.ufrj.br; tularuchkys@yahoo.com.br; marcos@geologia.ufrn.br

Recebido em: 14/09/2011 Aceito em: 08/05/2012

DOI: http://dx.doi.org/10.11137/2012_1_49_57

Resumo

O Brasil se caracteriza por uma oferta variada em termos de atrações turísticas ligadas a segmentos diversos. Buscando sistematizar a oferta com a criação de roteiros segmentados o Ministério do Turismo lança desde 2004 revistas especializadas. Em 2010 foi lançada a revista intitulada “Roteiros do Brasil: 94 Belos Motivos para viajar pelo Brasil”. Este artigo apresenta uma análise desta publicação buscando identificar quais atrativos turísticos têm relação direta e indireta com o patrimônio geológico. Para fazer essa análise, foram definidas as características que levam uma atração turística convencional ser classificada como relacionada a feições geológicas, e em que grau. Mesmo reconhecendo tratar-se de um método empírico, e a conveniência de fazer pesquisas mais rigorosas, em primeira aproximação constata-se que, embora o geoturismo ainda não esteja oficializado como segmento turístico pelo Ministério do Turismo, mais de 70% dos atrativos turísticos brasileiros selecionados pela revista podem ser considerados como tendo apelo geológico. Pela experiência já acumulada, é sabido que as atrações turísticas brasileiras podem ser ainda mais valorizadas e atraírem um público maior por meio do uso das ferramentas do geoturismo, que trata de explicar, em linguagem adequada a um público leigo, e utilizando meios como folders, placas, painéis e cartilhas, a história geológica e o significado das feições geológicas de cada atrativo.

Palavras-chave: geoturismo; patrimônio geológico; atrativos turísticos

Abstract

Brazil offers a rich variety of attractions in various touristic segments. In order to facilitate a systematic offer, the Ministry of Tourism has been publishing, since 2004, a number of specialized magazines. In 2010 it issued a magazine called “Roteiros do Brasil: 94 Belos Motivos para viajar pelo Brasil” (“Itineraries in Brazil: 94 Beautiful Reasons to Travel through Brazil”). This paper presents an analysis of that publication, aiming at identifying which touristic attractions have a direct or indirect connection to our geological heritage. In order to do so, the first step was to define the characteristics that would make a conventional touristic attraction be classified as related to geological features, and to which degree. Even recognizing that this was an empirical analysis, and the need for a more rigorous study, as a first approximation the results show that, even though geotourism is not as yet recognized as an official touristic segment by the Ministry of Tourism, over 70% of the attractions selected by the magazine have a geologic appeal. By experience, it's already known that these touristic attractions can be more valued and attract a larger flow of tourists by the use of the techniques of geotourism, including the use of folders, panels, and printed guides to explain the geological history and the meaning of the geologic features of each attraction.

Keywords: geotourism; geological heritage; touristic attractions

1 Introdução

Com suas dimensões continentais, o Brasil oferece uma enorme variedade de atrações turísticas de cunhos muito variados, incluindo tanto atrativos naturais quanto ligados à presença humana. O governo federal vê no turismo uma importante via de desenvolvimento e geração de recursos, e um dos reflexos dessa visão é que suas grandes diretrizes são ditadas por um ministério específico, o Ministério do Turismo (MTur). Nos últimos anos, esse Ministério vem produzindo excelentes materiais de divulgação e de formação profissional para ajudar no desenvolvimento dessa atividade. Um bom exemplo é uma revista publicada pelo Mtur; a edição analisada é a de 2010, e leva o título “Roteiros do Brasil: 94 Belos Motivos Para Viajar Pelo Brasil: Tudo o que você precisa saber para curtir férias inesquecíveis” (capa na Figura 1). Esta revista é a base para a confecção deste artigo cujo objetivo é, partindo de uma publicação oficial, verificar que parcela desses atrativos, ou “Belos Motivos”, têm ligação com uma ou mais feições geológicas.

A motivação vem da constatação empírica de que provavelmente, em muitos casos, como já

observaram Larwood & Prosser (1998), “turistas, quer tenham consciência desse fato ou não, são todos, de alguma maneira, geoturistas”.

Além do mais, se constatada uma forte presença de elementos geológicos, seja num projeto integrado de desenvolvimento de turismo, seja em ações isoladas (locais ou regionais), um item já considerado atrativo para o turismo convencional, pode receber, com baixo investimento, um valor agregado de cunho geoturístico. Com isso, esse local poderá oferecer um produto mais variado e de muito melhor qualidade, aumentando o alcance de sua clientela potencial. É importante considerar que, por diversos motivos, os temas geológicos, principalmente quando agregados a uma visão geocientífica mais ampla, estão bastante popularizados pelos meios de comunicação de massa. Uma oferta geoturística que inclua componentes de informação científica bem dosados e transmitidos em linguagem adequada tende a ser um atrativo cada vez mais valorizado. Como o turismo abrange um leque extremamente amplo de clientela com interesses muito variados, cabe aos geocientistas selecionar temas de forte atratividade e apresentá-los em linguagem acessível, para com eles alavancar a atividade geoturística.



Figura 1 Capa da revista, com forte impacto visual e edição primorosa.

2 Geoturismo e Turismo Convencional

Embora atividades associadas ao geoturismo já ocorram há muito tempo, este termo passou a ser amplamente divulgado na Europa após aparecer em uma revista de interpretação ambiental, em 1995, sendo definido pelo pesquisador inglês Thomas Hose. O conceito de geoturismo está ligado especialmente aos aspectos naturais assim como o ecoturismo, um segmento que foi oficializado no Brasil, em 1994, com a publicação das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo pela EMBRATUR e Ministério do Meio Ambiente. No Brasil, o conceito de ecoturismo contempla todo o patrimônio natural, incluindo o patrimônio geológico.

Segundo Hose (1995) o geoturismo é “a provisão de serviços e facilidades interpretativas que permitam aos turistas adquirirem conhecimento e entendimento da geologia e geomorfologia de um sítio (incluindo sua contribuição para o desenvolvimento das ciências da Terra), além de mera apreciação estética”.

Em 2000, o mesmo autor faz uma revisão no conceito de geoturismo, achando mais adequado utilizar o termo para designar “a provisão de

facilidades interpretativas e serviços para promover o valor e os benefícios sociais de lugares e materiais geológicos e geomorfológicos e assegurar sua conservação, para uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesse recreativo ou de lazer”.

Ruchkys (2007), baseada nas definições da EMBRATUR para opções específicas de turismo e nas definições já existentes, caracterizou o geoturismo como “um segmento da atividade turística que tem o patrimônio geológico como seu principal atrativo e busca sua proteção por meio da conservação de seus recursos e da sensibilização do turista, utilizando, para isto, a interpretação deste patrimônio tornando-o acessível ao público leigo, além de promover a sua divulgação e o desenvolvimento das ciências da Terra”.

Contudo, nem todas as definições sobre geoturismo estão diretamente relacionadas com temas geológicos. Por exemplo, em 2001, a NGS (*National Geographic Society*) em conjunto com a TIA (*Travel Industry Association*) dos EUA produziram um estudo, denominado *The Geotourism Study* (O Estudo do Geoturismo), que relata os hábitos turísticos dos norte-americanos (Stueve *et al.*, 2002). Este estudo define o geoturismo como “o turismo que mantém ou reforça as principais características geográficas de um lugar – seu ambiente, cultura, estética, patrimônio e o bem-estar dos seus residentes”.

O geoturismo é uma atividade que combina elementos de turismo da natureza com turismo cultural. A experiência internacional mostra claramente que o geoturismo não tem condições práticas de sobreviver por si só; por experiência, sabe-se também que, salvo raras exceções, ele não é um turismo de massa, de grandes volumes de pessoas. Dependendo de uma certa curiosidade cultural individual, ele não chega à viabilidade a não ser por associação a outros tipos de turismo; pode-se dizer, com uma certa liberdade de linguagem, que o geoturismo é uma espécie de “turismo de ocasião”. Por outro lado, ele é altamente favorável a associações com atividades turísticas ligadas ao meio ambiente, é muito eficaz para pequenos grupos, como atração adicional, e também um perfeito complemento à educação formal de jovens.

3 A Oportunidade

O turismo como um todo vem se desenvolvendo muito no Brasil, nos últimos anos. Segundo o MinTur, o recente aumento dessa atividade econômica elevou a participação do turismo a 3,6% do PIB nacional, havendo previsão de que percentual chegue próximo

a 6% em 2020 (BRASIL, 2011). O segmento de ecoturismo, ao qual normalmente o geoturismo se associa por diversas afinidades, foi o setor que mais cresceu nos últimos anos (Urt & Bassinello, 2011), acompanhando uma tendência mundial. Conforme informa o site Ambiente Brasil (2011), “segundo projeções da WTO (World Tourism Organization - Organização Mundial do Turismo), o ecoturismo já é praticado por cerca de 5% do contingente total de viajantes, com perspectivas de um crescimento acima da média do mercado turístico convencional (cerca de 20%/ano)”. A prática organizada de turismo de aventura já é registrada em pelo menos 23 unidades da federação (Veja, 2012). Para os próximos anos, espera-se, em função da realização no país da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016, um investimento muito significativo e um crescimento sem precedentes do turismo nacional.

Configura-se assim uma verdadeira “janela de oportunidade” não apenas para a divulgação do geoturismo, mas, principalmente, para a sua efetiva incorporação ao cardápio de atrações oferecidas aos turistas nacionais e estrangeiros, como já vem sendo feito em diversos países.

4 A Revista

Trata-se de uma publicação do Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo, lançado em 2004. A edição analisada é a editada em 2010; tem tamanho A4, e alta qualidade gráfica, com 126 páginas, escrita totalmente em português – visando, portanto, o mercado turístico nacional. Está disponível na Internet (acessos em 15 de março de 2011 e 30 de abril de 2012) em http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Revista_Roteiros_do_Brasil_2.pdf.

Nas primeiras páginas, fica evidenciado o caráter que pode-se chamar de “didático” da revista. Uma breve visão de contexto possibilita entender essa postura. Boa parte do crescimento do setor turístico tem como origem a adoção de diversas políticas de cunho normativo e de estímulos em nível governamental, associado a práticas comerciais mais modernas e agressivas do universo empresarial, principalmente dos setores aeroviário e hoteleiro, além da entrada no mercado consumidor de parcelas da população que anteriormente não dispunha de meios econômicos para fazer turismo. O resultado foi a incorporação de camadas significativas da população, antes impossibilitadas ou pelo menos

desestimuladas dessa prática. Assim, pode-se dizer que boa parte da população brasileira ainda está “aprendendo a praticar turismo”.

A seção inicial “COMO USAR ESTE GUIA”, começa pela apresentação dos 15 ícones que qualificam o tipo dos principais atrativos, a saber: Sol e Praia, Turismo Cultural, Turismo de Negócios, Turismo Etnoindígena, Ecoturismo, Pesca Esportiva, Aventura, Esporte, Bares, Gastronomia, Casario, Igrejas, Artesanato, Folclore e Compras. Note-se que essa lista está melhorada nesta edição de 2010, pois a revista anterior, de 2008, incluía apenas 12 ícones: Artesanato, Bares, Culinária, Casario, Compras, Praias, Fauna, Flora, Folclore, Igrejas, Passeios e Pesca – comparando-se as duas listas, chama a atenção, positivamente, a inclusão dos termos Turismo Cultural, Turismo Etnoindígena, e Ecoturismo. A própria revista reflete, assim, a já mencionada tendência de crescimento dessas novas vertentes de turismo cultural no país.

Seguem-se uma lista e mapa das atrações, e depois quatro páginas de “DICAS DE VIAGEM”, cobrindo desde os cuidados que o turista deve tomar para escolher os seus fornecedores de produtos turísticos (“caveat emptor” – “o comprador deve tomar cuidado”, já diziam os romanos) até informações sobre cuidados com a saúde. Vem em seguida (pág. 14 a 126) os roteiros individuais, divididos pelas 5 regiões do país (Norte com 20 páginas, Nordeste com 32 páginas, Centro-Oeste com 14 páginas, Sudeste com 18 páginas e Sul com 12 páginas). As próximas 16 páginas apresentam 5 “Roteiros Integrados e Economia da Experiência”, cada um abrangendo várias cidades e atrações: 2 são na Região Norte, 2 na Nordeste, 2 na Centro-Oeste, 1 na Sudeste e 2 na Sul. A contracapa posterior fecha o volume com um quadro de distâncias rodoviárias.

Cada destino ou roteiro é brevemente descrito em um quadro intitulado Itinerário Básico (que inclui um mapa esquemático), e suas principais atrações são rapidamente descritas num outro quadro intitulado “Imperdíveis”. Não são apresentados detalhes que facilitem a programação do viajante ou que enriqueçam a informação (como por exemplo descrição das diversas atrações locais, resumo histórico, lista de serviços como aeroportos, hotéis e restaurantes, etc.). É feita a apresentação dos locais, mas para uma fruição mais efetiva da viagem pressupõe-se a utilização de mais recursos informativos, como guias de viagem, mapas mais detalhados, e eventualmente outros. A Figura 2 mostra um exemplo de página.



Figura 2 Exemplo de página interna com um dos 94 Belos Motivos. Os itens apresentados são padronizados, podendo variar a distribuição espacial de textos e imagens.

5 Metodologia

Para fazer essa análise foram definidas pelos autores as características que fariam uma atração turística convencional ser classificada como tendo “ligação com uma ou mais feições geológicas”. Essa classificação, quase que inevitavelmente, vai incluir aspectos subjetivos, principalmente nos locais e situações limítrofes, em que a geologia está por assim dizer “implícita”, mas é raramente notada aos olhos de leigos – como é o caso, por exemplo, de longas praias sem afloramentos. Buscou-se minimizar essa subjetividade, definindo feições geomorfológicas como elementos da geologia local ou regional, e adotando os parâmetros abaixo descritos. Além da subjetividade, um outro fator que dificulta a análise é o fato de muitos dos roteiros apresentados incluírem vários elementos de destaque tanto geológicos quanto não geológicos.

Adotou-se os seguintes critérios para definir essas quatro opções de avaliação:

1) O elemento de geodiversidade é o principal, ou único, atrativo:

- atração turística convencional em que o elemento geológico é absolutamente prevalente sobre todos os outros fatores de atração (ex.: Dedo de Deus, RJ; Pedra do Bau, SP/MG; Pico do Cabugi, RN)

2) Indicam forte ligação com a geologia:

- afloramentos ou feições espetaculares por suas dimensões, como pães de açúcar, ou formações rochosas de grande espessura e/ou grande expressão territorial (por ex. as diversas “chapadas”), ou feições bem características (por ex. cavernas);

- indícios visíveis aos olhos leigos (ainda que não necessariamente compreendidos) de processos de dinâmica interna (por exemplo, gnaisses com faixas dobradas) ou de dinâmica externa (processos erosivos ou deposicionais, como praias, meandros, várzeas);

- grandes feições geomorfológicas, como canions, cuestras, e falésias;

- grandes rios;

- evidências de vulcanismo (ainda que não necessariamente reconhecidas como tal pelo leigo);

- minas e pedreiras, em atividade ou abandonadas;

- artesanato baseado em rochas e/ou minerais;

- obras de arte (principalmente esculturas), elementos de arquitetura (colunas, molduras de portas e janelas, fontes) feitas com materiais petreos regionais ou locais;

- locais de preservação/exposição do patrimônio geológico, como museus.

3) Indicam ligação moderada com a geologia:

- as mesmas feições acima, em escala menos destacada;

- processos e produtos tecnógenos, como os ligados a grandes obras de engenharia, a áreas urbanas, desnudação, desertificação, erosão acelerada, e similares.

4) Sem ligação direta com a geologia:

- quando não existem as situações acima, considerou-se que não há ligação direta com a

geologia, com a ressalva de que podem existir eventuais ligações indiretas, como por exemplo a presença, limitada ou com pouco destaque, dos já mencionados itens obras de arte e elementos de arquitetura.

Com essa informação e um exemplar da revista em mãos, cada co-autor do trabalho, sem discussão com os outros co-autores, recebeu uma matriz em branco, como a reproduzida na Tabela I, listando os “94 Motivos”, de forma a que fosse avaliado como categoria 1, 2, 3 ou 4. Como as respostas são mutuamente excludentes, foi usada uma metodologia que se aproxima da “Resposta estimulada e única”, ou seja, o colaborador pesquisado marca uma, e apenas uma, resposta no formulário apresentado.

Para computar as classificações de cada Motivo, foi feita a soma das avaliações dos quatro co-autores, coluna a coluna, nas suas respectivas cópias da Tabela I, e este total foi dividido por quatro, chegando a um número de “votos ponderados”, o que explica a presença de valores fracionários apresentados por esses números.

Finalizando, foi feito o cálculo da porcentagem dos Belos Motivos que se enquadram em cada categoria.

6 Os 94 Belos Motivos

A Figura 3 mostra o mapa do Brasil com a localização dos 94 roteiros, exatamente com os nomes listados na página 9 da publicação. A Tabela 1 abaixo apresenta-os, indicando sua eventual ligação com a geologia, segundo os critérios acima apresentados.

Como pode ser observado, e respeitando as limitações dessa sistemática simples, empírica, os resultados indicam que a geologia tem realmente uma participação significativa nos 94 Belos Motivos, na medida em que:

- 26,1% dos Motivos tem o elemento de geodiversidade como o principal, ou único, atrativo;
- 23,4% dos Motivos, nos quais o atrativo tem forte ligação com a geologia;
- 23,1% dos Motivos tem ligação moderada; e
- 27,4% dos Motivos não tem ligação com a geologia.

Em outras palavras, mesmo sem explicitação



Figura 3 Mapa com a distribuição dos 94 Belos Motivos; notar cobertura de todo o país, com alguma concentração no litoral.

O Que Há de Geológico nos Atrativos Turísticos Convencionais no Brasil
Virginio Mantesso-Neto; Kátia Leite Mansur; Úrsula Ruchkys & Marcos Antonio Leite do Nascimento

nº	ROTEIRO	nº	ROTEIRO		
1	Caminhos do Pacífico/Caminhos de Chico Mendes	48	Brasília em Athos		
2	Caminhos das aldeias e da biodiversidade	49	Região das águas quentes - sul de Goiás		
3	Boi bumbá e festivais	50	Viva Chapada		
4	Pesca esportiva	51	Patrimônios de Goiás		
5	Mamirauá e projetos de desenvolvimento sustentável	52	Foz do Iguaçu / Pantanal / Bonito		
6	Amazônia no meio do mundo	53	Pantanal Bonito		
7	Belém: cultura, fé e natureza	54	Brasília / Bonito / Pantanal – os encantos do Brasil Central		
8	Belém de encantos	55	Turismo tecnológico		
9	Aventura na Amazônia paraense - Belém e Marajó	56	Do Pantanal à Amazônia		
10	Porto Velho e Guajará-Mirim: encanto-se	57	Rota do sol e da moqueca – prais, saúde e muita gastronomia		
11	Monte Roraima	58	Rota do mar e das montanhas – natureza e agroturismo com cenários inesquecíveis		
12	Aventuras na Serra do Tepequém	59	Rota do verde e das águas		
13	Serra Grande	60	Canastra 360*		
14	Deserto das águas	61	As serras e um sexto sentido		
15	Rota das águas	62	Caminhos reais		
16	Serras e lago	63	Estudos e intercâmbio		
17	Caminhos da história e aventura – os segredos do Rio São Francisco	64	Serra e mar		
18	Caminhos de sol e charme na Costa dos Corais - os segredos de Alagoas	65	Maravilhas do Rio e Niterói		
19	Caminhos dos sabores e saberes na terra dos marechais	66	Floresta e mar		
20	Volta ao Parque com guiné e fumaricinas	67	Circuito das Águas paulista		
21	Cacau com dendê	68	Litoral norte e capital		
22	Rota das aldeias	69	Circuito das Frutas		
23	Salvador e Praia do Forte - cultura e natureza	70	Aventura especial: Socorro		
24	Rota das falésias - cenário de cores	71	Descobrimo o litoral do Paraná		
25	Chapada do Araripe - terra dos kariris	72	Cataratas do Iguaçu e caminhos ao lago de Itaipu		
26	Costa Sol Poente	73	Great Brazil Express		
27	Costa Sol Nascente	74	Pedras e águas que encantam		
28	São Luis cultural	75	Caminho farroupilha - tradição e cultura gaúcha		
29	Lençóis Maranhenses	76	Caminhos temperados - charme e cultura do sul		
30	Chapada das Mesas	77	Balneário Camboriú panorâmico		
31	Entre rios e mar - séculos de cultura	78	Semana à beira-mar em Florianópolis		
32	Cariri - um tributo a você	79	Santa Catarina serra e mar		
33	Civilização do açúcar - caminhos dos engenhos	80	Turismo rural - acolhida na colônia		
34	Fernando de Noronha	81	Roteiro integrado caminhos da revolução		
35	A caminho da cultura da cana-de-açúcar	82	Roteiro integrado Amazonas e Roraima: Rota 174		
36	Rota da história e mar	83	Roteiro integrado Delta / Lençóis / Jeri: rota das emoções		
37	Piauí: surpresa, aventura e mistério	84	Roteiro integrado civilização do açúcar - caminhos dos engenhos		
38	Serra da Capivara - terra de aventura e pré-história	85	Roteiro integrado de Brasília à Chapada dos Veadeiros - uma viagem pelo coração do Brasil		
39	Piauí surpreendente	86	Roteiro integrado travessia do Pantanal – dois estados, um só destino!		
40	Aventura no litoral do RN	87	Roteiro integrado Caminho Velho da Estrada Real		
41	Sentão do Sentão	88	Roteiro integrado Iguaçu / Misiones: uma experiência de integração no Mercosul		
42	Dunas, salinas e emoções	89	Roteiro integrado Aparados da Serra gaúcha e catarinense - os canions brasileiros		
43	Aracaju-Xingó	90	Economia da experiência – Bonito: mergulhe nessa emoção!		
44	Litoral sul	91	Economia da experiência - Belém: crenças, cheiros e sabores		
45	Cidades históricas	92	Economia da experiência - Costa do Descobrimento: a cada chegada, uma nova descoberta		
46	Brasília patrimônio cultural da humanidade	93	Economia da experiência - Petrópolis: sonhar faz parte da nossa história		
47	Brasília & Pirenópolis - um contraste entre o contemporâneo e a cultura tradicional do Brasil central	94	Economia da experiência - região uva e vinho: um brinde à natureza e a cultura. E xperimnts...		
CARACTERÍSTICA DOS ROTEIROS		O elemento de geodiversidade é o principal, ou único, atrativo	Forte ligação com a geologia	Ligação moderada com a geologia	Sem ligação direta com a geologia
TOTAL de votos ponderados		24,5	22,0	21,7	25,8
TOTAL %		26,1	23,4	23,1	27,4

Tabela 1 Roteiros turísticos brasileiros e sua eventual ligação com a geologia. Tabela cujo preenchimento da classificação por cada um dos co-autores produziu o resultado final em número de votos ponderados e em percentual.

dessa presença, o elemento ou elementos da geodiversidade participa(m) de 72,6% dos “94 Belos Motivos Para Viajar Pelo Brasil”.

Fica patente que os aspectos geológicos têm realmente uma participação significativa. Pela análise do resultado apresentado na Tabela 1, nos 94 Belos Motivos. Somando as 3 primeiras linhas acima, pode-se dizer que 72,6% dos Belos Motivos são, pelo menos em parte, “Geomotivos”. Mesmo sem explicitação dessa presença, o elemento ou elementos de geodiversidade participa(m) de quase três quartos dos “94 Belos Motivos Para Viajar Pelo Brasil”.

Analisando o mapa observa-se que os Belos Motivos tem uma concentração maior ao longo do litoral (o que é compreensível, pela atração exercida pelas praias), mas ocorrem em todo o território nacional, possibilitando e justificando a implantação de temas de geoturismo em escala nacional.

7 Conclusão

O conceito de geoturismo é bem recente e sua prática está sendo gradativamente introduzida no Brasil e no mundo. As dimensões continentais do país, a sua rica geodiversidade, seu clima favorável a atividades ao ar livre e o atual surto de desenvolvimento econômico com fortes reflexos no turismo interno constituem aspectos que favorecem essa atividade. O futuro inclui, a curto prazo, eventos – particularmente a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016 – que seguramente estimularão ainda mais esse setor da economia, trazendo ao mesmo tempo desafios práticos para sua efetiva implementação.

Como visto, uma parcela considerável do turismo tradicional no Brasil relaciona-se, direta ou indiretamente, com feições geológicas, o que facilitaria a implantação de atividades de geoturismo, sugerindo-se, como caminho inicial, o aproveitamento dos destinos turísticos atuais. A possibilidade de associação dessa nova faceta a esses destinos já existentes terá baixo custo e grande benefício, possibilitando a oferta ao mercado de produtos turísticos com maior valor agregado, sendo, portanto uma alternativa realmente possível, com boa viabilidade.

O geoturismo tem diversas vantagens adicionais, que virão a longo prazo, e que já começam a ser percebidas em lugares que têm

experiências similares há mais tempo. Ele estimula o desenvolvimento de uma consciência ecológica e a valorização e conservação do patrimônio geológico e do patrimônio natural como um todo. Há também diversos exemplos, tanto em outros países quanto no Brasil, de que, local ou regionalmente, o geoturismo ajuda a aumentar o senso de pertencimento ao despertar o orgulho em relação ao patrimônio geológico e favorecendo a fixação de pessoas nas suas comunidades. Esse é um dividendo pessoal ou de pequenos grupos, talvez numa primeira fase numericamente pouco expressiva, mas a permanência da pessoas nos seus lugares de origem é culturalmente importante, e de alcance social significativo, num país que precisa urgentemente alavancar o seu desenvolvimento sem aumentar as mazelas decorrentes, entre outros fatores, da migração interna desenfreada.

Resumindo, a introdução do geoturismo facilita aos empreendedores turísticos, a baixo investimento, auferir bons dividendos comerciais, e também gera benefícios sociais, sendo portanto merecedor de uma avaliação mais profunda pelo MTur. Espera-se que o *trade* turístico, normalmente sensível às tendências internacionais, bem como geocientistas e pesquisadores de áreas afins, vejam essa possibilidade com a atenção que ela sem dúvida merece.

8 Referências

- Ambiente Brasil. 2011. O Ecoturismo – Conceitos e Princípios. http://ambientes.ambientebrasil.com.br/ecoturismo/artigos/o_ecoturismo_%E2%80%9393_conceitos_e_principios.html, acessado em 22 de setembro de 2011.
- Brasil. 2011. *Turismo pode alcançar 6% do PIB em 2020*. Declaração do Ministro do Turismo, Pedro Novais, em 17 de junho de 2011. <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/06/17/turismo-pode-alcancar-6-do-pib-em-2020>, acessado em 12 de agosto de 2011.
- Hose, T.A. 2000. European Geotourism – Geological Interpretation and Geoconservation Promotion for Tourists. In: BARETTINO, D; WIMBLEDON, W.A.P. & GALLEGOS, E. (coords.). *Geological Heritage: Its Conservation and Management*, Madrid, 127 – 146.
- Hose, T.A. 1995. Selling the Story of Britain’s Stone.

- Environmental Interpretation*, 2: 16-17.
- Larwood, J. & Prosser, C. 1998. Geotourism, conservation and society. *Geologica Balcanica*, 28(3-4): 97-100.
- Ruchkys, U.A. 2007. *Patrimônio geológico e geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: potencial para a criação de um geoparque da UNESCO*. Tese (Doutorado em Geologia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 211 p.
- Stueve, A.M.; Cook, S.D. & Drew, D. 2002. *The Geotourism Study: Phase I Executive Summary*. Travel Industry Association of America, 22p.
- Urt, M.C.M. & Bassinello, P.Z. 2011. *Ecoturismo X turismo de aventura: dialogando conceitos*. <http://pantanalecoturismo.tur.br/publicacao-pantanal-2841-ecoturismo+x+turismo+de+aventura+dialogando+conceitos.htm>, acessado em 12 de agosto de 2011.
- Veja. 2012. *O mapa do turismo de aventura no Brasil*. <http://veja.abril.com.br/complementos-materias/turismo-aventura/info.shtml>, acessado em 20 de fevereiro de 2012.